

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



 EXTENSÃO
INSURGENTE



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

**Do centenário de Paulo Freire e
Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB**

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral : Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial : Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão : Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design : Cláudia Barbosa Dias
Revisão : Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação : Larissa Gomes dos Santos Viana
Fotos de capa : Paulo Freire Contemporâneo, frame de vídeo - Ministério da Educação, via Domínio Público
Darcy Ribeiro - Cedoc - Arquivo Central UnB
Universidade de Brasília - Beto Monteiro

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educadoras e educadores brasileiros [recurso eletrônico] : do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB / (organizadoras) Catarina de Almeida Santos ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
170 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-270-5.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Educadoras - Brasil. 3. Educadores - Brasil. I. Santos, Catarina de Almeida (org.).

CDU 37 (81)



Sumário

Prefácio 7

Olgamir Amancia Ferreira

Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros 11

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Paulo Freire: educando para a libertação 21

Cristiano Garboggini Di Giorgi
Andréia Nunes Militão

Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano 37

Maria Zélia Borba Rocha

Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista 57

Diogo Valença de Azevedo Costa

Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas 75

Alyanne de Freitas Chacon

Formação social, estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento 93

André Luis Pereira
Camilla Meneguel Arenhart



Nise da Silveira: uma educadora rebelde 111

Felipe Magaldi

Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer 129

Samantha Lodi-Corrêa

**Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro
e a necessária luta por um novo amanhecer** 149

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira


Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Um posfácio, um convite ao inacabamento 157

Andressa Pellanda

Nise da Silveira e a humanização da doença mental 161

Franklin Chang



Nise da Silveira e a humanização da doença mental

Franklin Chang



Introdução

A doutora Nise da Silveira foi uma médica psiquiátrica revolucionária no tratamento das doenças mentais graves. Foi pioneira no Brasil na utilização de atividades criativas, como pintura, modelagem, canto, teatro, dança, entre outras, no tratamento terapêutico da psicose, esquizofrenia e outras severas doenças mentais.

Preferia focar no lado saudável da psique humana, e não no doentio. Foi contra todo tipo de abordagens violentas de tratamento, como eletrochoque, coma insulínico, lobotomia e até mesmo o uso excessivo de medicamentos químicos modernos.

Seu trabalho pioneiro trouxe uma nova percepção sobre a situação dos doentes mentais no Brasil. O deputado Paulo Delgado, autor da Lei Antimanicomial, se inspirou no trabalho de Nise.

Em termos educacionais, isso significou um enorme avanço, já que os doentes mentais são tratados com mais respeito e dignidade nos dias atuais. Além disso, ela também lutou pela causa animal, defendendo um tratamento mais digno para eles.

Seu grande mestre e inspirador foi o também psiquiatra suíço C. G. Jung, que como ela trabalhou em instituição psiquiátrica, o Hospital Burgholzli, em Zurique. Ambos tinham uma grande preocupação em remover preconceitos sociais e desumanos da psiquiatria contra os assim chamados “loucos”.

Vida e obra

Nise da Silveira nasceu em 15 de fevereiro de 1905, em Maceió, Alagoas. Formou-se como médica na Faculdade de Medicina da Bahia em 1926, sendo a única mulher em uma turma de 150 pessoas. Sua tese de formatura foi intitulada “*Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil.*”

Em 1933, foi aprovada como médica psiquiátrica e começou a trabalhar no antigo Hospital Nacional da Praia Vermelha. Ficou afastada do serviço público de 1936 a 1944, por motivos políticos do então governo Vargas. Posteriormente, foi readmitida como médica psiquiatra no antigo Hospital Pedro II, localizado no Engenho de Dentro. Hoje, o hospital foi rebatizado como Instituto Nise da Silveira, em homenagem pública à sua contribuição ao Brasil.

Em 1946, inaugurou o atelier de pintura como parte do setor de terapêutica ocupacional do hospital. O filme *Nise*, de Roberto Berliner, lançado em 2016, retrata fielmente esse momento histórico de sua vida e da Psiquiatria brasileira. Em 1949, organizou a exposição *9 artistas do Engenho de Dentro no Museu de Artes Modernas de São Paulo*.

Em 1952, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente como um anexo ao setor de Terapêutica ocupacional. Atualmente, possui 350 mil obras catalogadas e é considerado o maior do mundo no gênero.

Em 1955, fundou o Grupo de Estudos C. G. Jung, que se reunia às quartas-feiras à noite em sua residência no Flamengo. Era gratuito e aberto a todas as pessoas interessadas na obra de Jung.

Em 1956, fundou a Casa das Palmeiras com o intuito de criar um espaço terapêutico aberto e livre. Neste local, egressos de outras internações, doentes mentais em recuperação e até mesmo pessoas com sintomas semelhantes puderam se encontrar, conviver e trabalhar tanto individualmente como em grupo. Trabalhei nessa instituição por 7 anos, sob a supervisão direta da dra. Nise. No ano seguinte, em 1957, realizou a exposição de abertura do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique. Na abertura, a dra. Nise, junto com o dr. Jung, realizaram um tour de reconhecimento e comentários detalhados a respeito das diversas pinturas dos doentes cuidados por ela.

Posteriormente, em um encontro privado no consultório dele, ela aprendeu algo muito importante: que o estudo da Mitologia era essencial para compreender o conteúdo das alucinações, delírios e outros sintomas que compõem a vivência da psicose.

Nos anos de 1958 e 1962, realizou estudos no Instituto C. G. Jung em Zurique, sob a orientação de Marie Louise Von Franz, com quem fez sua análise pessoal. Nise considerava-a sua mestra, com quem manteve contato pelo resto de sua vida.

Em 1965, promoveu a publicação do primeiro número da revista *Quaternio*, editada pelo Grupo de Estudos C. G. Jung. Tive a honra de ser o editor do número 7, em homenagem à dra. Von Franz, e do número 8, em homenagem a ela, Nise da Silveira.

Em 1968, lançou o livro *Jung, vida e obra*, o primeiro livro publicado em português sobre a psicologia analítica, como é conhecida a psicologia junguiana. Até hoje, é uma referência para grupos de estudos e cursos. Em 1994, o autor ministrou um curso de Psicologia Analítica na Casa das Palmeiras, utilizando-se desse livro, a convite da própria dra. Nise.

Em 1975, aposentou-se oficialmente do serviço público, mas continuou com suas atividades profissionais no Museu, Casa das Palmeiras e grupos de estudos.

Em 1979, lançou o livro *Terapêutica ocupacional*, onde descreveu seu método criativo e teórico, bem como o trabalho nos diversos ateliês e oficinas da Casa das Palmeiras.

Em 1981, lançou o livro *Imagens do Inconsciente*, sua obra-prima, onde estão sintetizados 30 anos de pesquisas e investigações sobre a Psicologia da esquizofrenia. Depois, em 1992, esse trabalho pioneiro teve continuidade no livro *O Mundo das Imagens*.

Anteriormente, em uma colaboração com o cineasta Leon Hirzman, ela lançou o filme *Imagens do Inconsciente* em formato VHS. Neste filme, é contada a história da vida e obra de três pacientes. Em 2016, o Instituto Moreira Salles relançou o filme em uma cópia restaurada, em formato DVD. Ao final, há uma entrevista com Nise, na qual ela formulou sinteticamente seu trabalho: “existem dez mil formas de se trabalhar e corrigir o *Zeitgeist* de uma época. Eu escolhi defender os loucos e os animais”.

Curiosamente, seu último livro, lançado em 1998, chama-se *Gatos, a emoção de lidar*, no qual presta uma homenagem a esses seres, para ela, com uma sensibilidade e intuição superiores à nossa. Sempre tinha um gato ao seu lado, na mesa de trabalho do escritório em sua casa.

Antes disso, lançou o livro *Emoção de lidar*, uma reelaboração do livro *Terapêutica Ocupacional*, pois considerava esse termo muito pesado, optando por outro que expressasse melhor a experiência de lidar com diversos materiais. O interessante é que esse novo termo foi alçado por um cliente da Casa das Palmeiras, e a dra. Nise adotou.

Em 1989, lançou o livro *Artaud, a nostalgia do mais*, em coautoria com Rubens Corrêa, Marco Luchesi e Milton Freire. Gostava de citar uma frase de Artaud: “o ser tem inumeráveis estados, cada vez mais perigosos”. Logo depois, lançou o livro *Cartas a Spinoza*, recém reeditado. Nele, exprime sua admiração e, ao mesmo tempo, questiona certas ideias do filósofo, que era o seu favorito.

Faleceu em 20 de outubro de 1999. No dia do seu sepultamento, a bateria da escola de samba Salgueiro esteve presente e tocou em sua homenagem. Dois anos antes, ela tinha sido a homenageada da escola com o tema “A barca do sol”, título de uma das últimas pinturas de um antigo paciente do hospital, Carlos Pertuis.

Saúde mental e educação

São muitas as interfaces entre a Psicologia e a Educação. Para mencionar apenas um exemplo, Jung era a favor de ensinar fundamentos de Psicologia para os adolescentes, pois isso os dotaria de conhecimento capaz de ajudá-los a lidar melhor com os conflitos familiares e escolares. Essa abordagem também serviria como uma forma de autoconhecimento, auxiliando a pessoa a enfrentar melhor seus conflitos interiores. Iremos apresentar um resumo das ideias dele.

No seu livro *Psicologia Analítica e Educação* (1981), Jung afirmou em sua primeira palestra:

analisar crianças é uma tarefa muito difícil e delicada. As condições que cercam o processo são muito diferentes das de um adulto, pois a mente da criança é parte da atmosfera mental dos pais. Isso explica porque tantas neuroses das crianças são mais sintomas da condição mental dos pais do que uma genuína doença da criança (Jung, 1981, p. 74).

O problema de muitos pais é que “eles projetam suas ilusões e ambições não realizadas na criança, forçando ela a um papel que não é adequado” (Jung, p. 32). Mas, psicologicamente, os professores também desempenham o papel de pai/mãe do aluno. Jung acreditava que todos os educadores, terapeutas, médicos, entre outras profissões que lidam com seres humanos, deveriam se conhecer o suficiente para evitar a projeção de seus próprios complexos nos outros.

O médico acredita que a melhor forma de educar outros é o próprio educador ser educado. Ele deveria testar nele mesmo as profundezas psicológicas que aprendeu nos livros, a fim de testar sua eficácia. Na medida em que esses esforços são perseguidos com uma certa quantidade de inteligência e paciência, ele provavelmente não será um mau professor (Jung, 1981, p. 132).

No artigo “O desenvolvimento da personalidade”, Jung critica o sistema educacional por ser unilateral. Ele argumenta que “a criança é que deve ser educada, e assim, também unilateralmente a ênfase sobre a falta de educação do educador. Supõe-se que, por ter terminado seus estudos, está pronto e maduro” (Jung, 1981, p. 169), o que nem sempre é verdade.

A crítica de Jung é que “as crianças não são nem metade da estupidez que se imagina. Elas sabem muito bem o que é genuíno e o que não é, como o conto das roupas novas do Imperador de Hans Andersen nos mostra” (Jung, 1981, p. 170).

Por outro lado, sabemos que existe dentro de cada adulto uma criança. Assim, na terapia deles, aparece o ideal de “poupar” as crianças das difíceis experiências que tiveram em suas infâncias. “Tem a certeza de que já superaram essas dificuldades, e ‘acabam caindo no extremo oposto’, assim crianças criadas em um ambiente rígido acabam se tornando adultos permissivos; coisas escondidas na infância são reveladas pelas crianças de forma dolorosa” (Jung, 1981, p. 170).

O ideal psicológico e educacional é o desenvolvimento da personalidade completa, não sendo destinado às crianças, mas sim um ideal para os adultos. No entanto, este ideal é para poucos, porque “a grande maioria da humanidade não escolhe seu próprio caminho, mas a convenção, e conseqüentemente não se desenvolvem, mas assumem um modo de vida coletivo ao custo de sua própria totalidade” (Jung, 1981, p. 174).

Essas convenções são uma necessidade coletiva, mas para algumas pessoas, tornam-se um problema, pois não conseguem se adaptar a elas. Para essas pessoas, que às vezes aparecem como alunos e crianças problemáticas, “um fator irracional as obriga a se emancipar do rebanho e de seus caminhos conhecidos. Devem seguir sua vocação, como se fosse uma lei de Deus, da qual não podem escapar. O significado do termo vocação é o ser chamado por uma voz, o homem interior” (Jung, 1981, p. 175-176).

Para Jung, “a vida criativa sempre permanece fora das convenções, pois essas são mecanismos sem vida, que não podem nunca compreender mais do que a mera rotina da vida” (Jung, 1981, p. 178). Essas pessoas criativas, ao escolherem negar esse chamado, muitas vezes acabam gerando em si mesmas uma doença, às vezes fatal, que é a trágica expressão de uma vida não vivida.

A tragédia em que muitos pais caem ocorre

quando eles se colocam a tarefa de “fazer o melhor” e “viver só para eles”, isso evita que os pais façam qualquer coisa para seu próprio desenvolvimento. Assim, acabam jogando o seu melhor nas crianças. Geralmente, são as coisas que eles negligenciaram em si mesmos. Isso acaba por gerar monstruosidades educacionais (Jung, 1981, p. 171).

Me lembro de uma vez ter atendido uma adolescente gótica que era rebelde na escola. Depois de algum tempo, chamei a mãe com quem ela vivia e descobri nela uma jovem rebelde que teve a filha quando jovem. Com algumas conversas com ela, a filha se estabilizou na escola, enquanto ela foi buscar uma atividade artística que nunca antes havia se permitido.

Para Jung, existe a “educação caseira”, que são os valores e atitudes dos pais, que são transmitidos “consciente e inconscientemente” às crianças. Depois, vem a educação escolar, que, em geral, “o médico e o terapeuta têm pouco a dizer, a não ser no caso de crianças excepcionais sobre as quais ele pode ter algo importante a acrescentar” (Jung, 1981, p. 131).

Hoje, em muitas escolas, já existe a função do psicopedagogo, às vezes do psicólogo, capaz de lidar com essas crianças problemáticas, geralmente oriundas de famílias desintegradas.

Por fim, existe a educação pelo exemplo. O ensino, nesse caso, se faz de maneira involuntária, espontânea e até inconsciente. Nela, o aspecto emocional é de fundamental importância.

Assim, muitos jovens escolhem suas futuras profissões inspiradas por educadores que lhes transmitem uma “paixão” pela sua disciplina. Isso também acontece com professores, que frequentemente se lembram de algum mestre que os inspirou a seguir essa vida.

Assim, o trabalho do educador é crucial para a sociedade, pois não só transmite conhecimento, mas também afeto genuíno. Uma sociedade assim, com mais pessoas felizes, seguindo sua verdadeira vocação, é, com certeza capaz de construir um mundo melhor e mais justo.

A importância de Nise da Silveira na educação

O papel de Nise da Silveira na educação foi enorme, não no sentido acadêmico, pois nunca foi uma professora convencional. Mas, como exemplo de educadora que trouxe novas ideias para um campo da Ciência ainda hoje pouco conhecido: a Psiquiatria.

Em primeiro lugar, ressaltamos sua luta contra o preconceito social em relação à loucura e aos doentes mentais. Nise demonstrou, por meio de seu trabalho, de sua vida e de seus livros, que existe uma injustificável discriminação contra os loucos e os animais, os exemplos mais conhecidos do ser irracional e do incontrolável. Em seu livro *O Mundo das Imagens* (1992), ela escreveu assim:

o cartesianismo e o culto à deusa Razão da Revolução francesa predominam até hoje nas sociedades que se consideram civilizadas. O “louco” perdeu a razão. Será preciso trancafiá-lo em manicômios para que ele não perturbe, além de ser improdutivo, a sociedade dos homens racionais (Silveira, 1992, p. 112).

Jung (2015) já havia dito em suas memórias que, por trás da loucura, existe uma história humana, sendo fundamental recuperá-la para fins terapêuticos. Nise foi uma fiel seguidora dessa orientação, sempre tratou os doentes mentais com afeto e humanidade. Além disso, foi pioneira na introdução dos animais como coterapeutas no tratamento da doença mental.

Ela contou essa experiência no capítulo sobre “O simbolismo do gato”, e relata que foi muito difícil a aceitação dessa ideia, mesmo citando pesquisadores estrangeiros de instituições renomadas.

Foi muito penosa essa tentativa de introduzir animais no Centro Psiquiátrico Pedro II. Comentários ridicularizantes e até mesmo grosseiros não faltaram, inclusive da parte de colegas. Mas, muito pior foram os atentados contra os animais: remoção dos animais para a seção de eletrocussão, transporte para abandono em locais inóspitos, envenenamentos e, até recentemente, eram enxotados para a rua. Os atentados praticados contra os animais feriram doentes, monitores e a mim mesma (Silveira, 1992, p. 113).

Ao defender o fim dos manicômios, onde os doentes eram trancafiados, o deputado Paulo Delgado ajudou a criar a Lei Antimanicomial, que fechou diversas instituições e permitiu a criação dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) e das residências terapêuticas, proporcionando um tratamento mais humano e diferenciado. Existem hoje cerca de 2700 CAPS em todo o Brasil, mostrando o sucesso desse modelo.

Essa conscientização é importante para a educação pública, de que os loucos são, afinal, humanos e possuem um núcleo sadio que pode vir à tona de acordo com a forma como são tratados. Esse é o eixo do método niseano: apostar na saúde ao invés da doença, como demonstrado em inúmeros livros, exposições, palestras e entrevistas.

Dois pontos fundamentais em sua Terapêutica devem ser destacados:

1 – A importância do afeto catalisador.

Nise descobriu a importância de se criar um ambiente acolhedor e afetivo para que os doentes pudessem desenvolver confiança e expressar suas emoções em atividades como pintura, dança, teatro e até mesmo em falas ocasionais, junto aos monitores e à equipe técnica em geral. O afeto é catalisado para uma atividade na qual é possível a expressão do mundo interior, às vezes cheia de imagens ameaçadoras que são gradualmente despotencializadas do seu perigo à medida que são externalizadas no papel, barro, canto etc.

Assim sendo, o processo terapêutico e educacional é primariamente voltado para o trabalho. Os trabalhos realizados eram expostos para que todos pudessem acompanhar o processo interior e seus desdobramentos. O objetivo era o de permitir a fluidez da “emoção de lidar”, porque na maioria dos casos foi no campo afetivo-emocional que a doença se instaurou.

Mas fazia questão de dizer: “atenção, isso aqui não é uma escola”, como disse certa vez à educadora Gilda Prado, que a visitava na Casa das Palmeiras. Também dizia que gostava

de formar seus “próprios monitores”. Para ela, o conhecimento da alma humana exigia certas qualidades especiais. Em *Imagens do Inconsciente*, ela escreveu o seguinte: “os conhecimentos técnicos não constituem tudo em qualquer profissão. A pessoa humana de cada um, a sensibilidade, a intuição são qualidades preciosas (do monitor)” (Silveira, 2017, p. 76).

Assim sendo, quanto mais grave a condição esquizofrênica, maior será a necessidade que o indivíduo tem de encontrar um ponto de referência e apoio. Dessa forma, “o monitor, num ateliê ou oficina, funciona como uma espécie de catalisador. A química fala-nos de substâncias cuja presença acelera a velocidade das reações. Assim, reatores e catalisadores formam um complexo crítico, ou um quase composto” (Silveira, 2017, p. 75).

2 – A condição psíquica do monitor catalisador.

Nise, seguindo a Psicologia de Jung, enxergava a psique humana como constituída de vários elementos, nem sempre harmônicos, tais como: instintualidade e espiritualidade, racionalidade e irracionalidade, saúde e doença, entre outros.

O perigo, para ela, é o monitor se identificar com uma das polaridades, digamos a do curador, e colocar o outro na posição do doente. Nessa condição, a relação tende a se fixar e enrijecer. Para evitar isso, é necessário que o terapeuta reconheça sua sombra, o seu lado doentio. Assim sendo, na Casa das Palmeiras, toda a equipe técnica era obrigada a fazer análise para poderem lidar simultaneamente com os problemas dos outros e de si mesmos.

Todos os monitores, e até mesmo a direção, participavam de diversas atividades nos diferentes ateliês, criando um ambiente de igualdade e de pouca distinção entre equipe e doentes.

Lembro-me de um paciente bem apessoado, com bons modos e fala inteligente. Ele gostava de se colocar no papel de médico da Casa e cumpria tão bem esse papel que muitos ficavam surpresos quando sabiam de sua real condição.

Assim, aos poucos, desaparecia o preconceito contra a doença mental, mas se cultivava a “saúde mental”, e isso envolvia a participação de familiares no processo, em atividades sociais como festas, exposições e palestras. Esse projeto educacional, permeado por um ambiente acolhedor e alegre, permitia que o processo terapêutico envolvesse a todos: doentes, terapeutas, familiares e visitantes.

Esse ambiente acolhedor, afetivo e igualitário é essencialmente dionisíaco, em oposição às relações formais, frias e racionais que são cultivadas no mundo apolíneo. Nietzsche mostrou em seu livro *A origem da tragédia* que o gênio grego buscou um equilíbrio entre essas divindades.

Para a dra. Nise, que dedicou um capítulo inteiro sobre Dionisos em seu livro *Imagens do Inconsciente*, esse é um tema frequente nas pinturas dos esquizofrênicos. Ela escreveu: “raramente vi, talvez nunca haja visto, entre meus doentes, um só caso que deixasse de recuar às formas de arte do neolítico, ou de revelar evocações de orgias dionisíacas” (Silveira, 2017, p. 265)!

Lembremos que Dionisos tem uma natureza dual: jovem e velho, bissexual, animalesco, orgiástico, frenético, o Deus do êxtase religioso, o tranquilo conhecedor da ordem oculta

na vida indestrutível. Na mitologia grega, ele é o deus da dança, da música, da sexualidade e da fertilidade da natureza.

Ele, embora irmão de Apolo, é também seu oposto. Apolo é o deus da razão, da ordem e dos limites. Nossa civilização é muito apolínea, cultua a razão e, em consequência, Dionisos acaba reprimido. Daí que ele reaparece em sua forma vingativa: loucuras, excessos, crimes, porque não foi devidamente reconhecido. A peça “As Bacantes” de Eurípidés retrata bem essa dualidade de Dionisos.

A dra. Nise enxergava um grande perigo na nossa civilização, o de estarmos nos desconectando de Dionisos, por cultivarmos excessivamente Apolo. Assim sendo, assistimos diariamente a uma série de acontecimentos trágicos, no nível pessoal e no coletivo, como se estivéssemos sendo possuídos pela “loucura dionisíaca”, porque esquecemos dele e seu significado mais profundo.

Psicologicamente, seria necessária a aceitação do inconsciente e de sua irracionalidade, ao lado dos aspectos racionais da psique humana. Nesse sentido, o estudo da obra de Nise da Silveira pode nos ajudar a compreender e aceitar nosso lado obscuro, “louco” e dionisíaco.

Essa educação já não é mais pessoal, mas tem um caráter coletivo. As obras de Jung e Nise da Silveira fazem parte da educação de nossa época, sendo, portanto, de fundamental importância para todos os que buscam ampliar sua consciência e construir um mundo melhor, mais justo e mais humano.

Referências

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

JUNG, Carl Gustav. *Psychology and education*. v. 17. Obras completas: the development of personality Routledge & Kegan Paul, London, 1981.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

SILVEIRA, Nise da. *Rev. Quaternio*, n. 8, 2001.

SILVEIRA, Nise da. *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Este livro nasceu do compromisso deixado pelos dois maiores idealizadores da Universidade de Brasília, que são referências para todos nós: Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Eles tinham o objetivo de fazer da UnB uma grande referência no papel de pensar o Brasil, pautar os temas nacionais e ajudar a buscar soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Trata-se de um livro que resulta do curso de extensão intitulado Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, ofertado em 2021, quando o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19. Estávamos em busca de caminhos, enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. O referido curso de extensão tratou da vida, da obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar em caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país, em sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter suas desigualdades. É um livro que, assim como a UnB, está comprometido com um novo amanhecer, em um país mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável.

EDITORA

